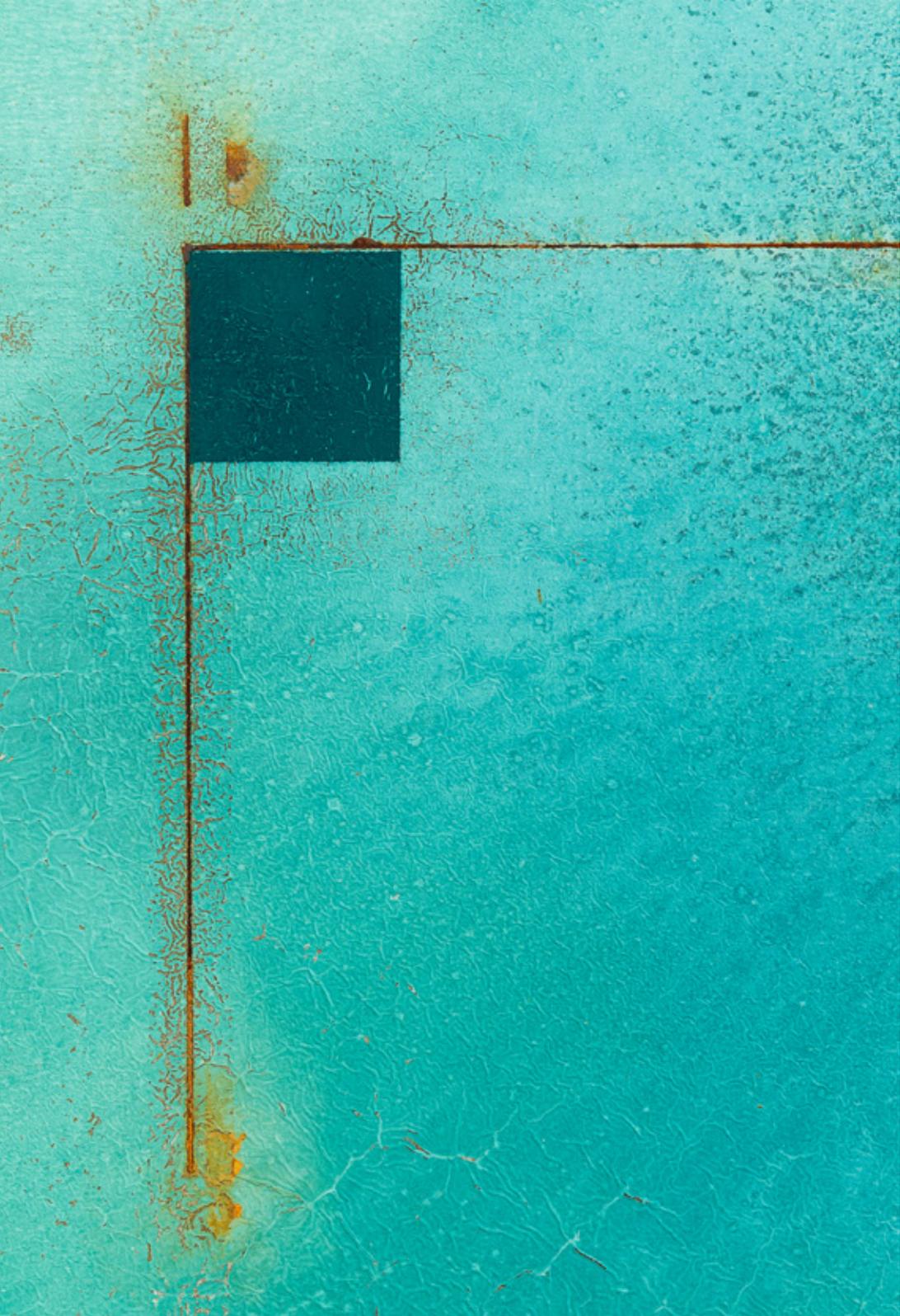




SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Eliane Prolik & José Bechara

Intersecções Obtusas

Obtuse Intersections

abertura opening

quinta-feira, 22 de fevereiro das 18h às 21h

thursday, february 22 from 6pm to 9pm

22.02 - 06.04.2024

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4

88330-260 sc brasil

+55 47 3224-4676

Eliane Prolik e José Bechara: Intersecções Obtusas

Deitando dois conceitos matemáticos e dispondo-os como ferramentas poéticas, a exposição *Intersecções Obtusas* busca aproximar trabalhos recentes de Eliane Prolik (Curitiba, 1960) e José Bechara (Rio de Janeiro, 1957), artistas que operam dispositivos geométricas a fim de tecer narrativas essencialmente humanas, contemplativas e questionadoras acerca de seu tempo. Suas produções, portanto, se interseccionam: não de maneira incisiva e cortante, mas em múltiplos caminhos obtusos, vastos e irrestritos.

Nessa ocasião, Eliane Prolik apresenta esculturas metálicas resultantes de processos de dobras, angulações e obliquidades em tubos de aço inoxidável. Linhas se constroem e se metamorfoseiam em entidades escultóricas que provocam o espectador e ativam o espaço. Em oposição a uma geometria cartesiana e hermética, a artista endereça possibilidades experimentais na prática escultórica, a confluir atento rigor, sensibilidade e profunda erudição.

Suas obras desobedecem a uma ortogonalidade limitante e se relacionam com leituras abertas do mundo contemporâneo: embora registrem as torções do dia-a-dia, os impasses e embates que incidem sobre as formas, ensaiam uma expansão com seus múltiplos cotovelos a romper o espaço modular. Em suas esculturas de parede, nota-se um avanço: as obras se projetam, em um ímpeto passional a inflamar a tranquilidade dos planos arquitetônicos. Sinal outro da atenção da artista à polivalência contemporânea é o combate a uma frontalidade estrita: suas obras resistem a um ponto de vista oficial, a uma tentação disciplinar que poda o olhar e que restringe as propriedades múltiplas da tridimensionalidade. Formam-se e deformam-se fractalmente, com várias faces ao passo que nenhuma oficial.

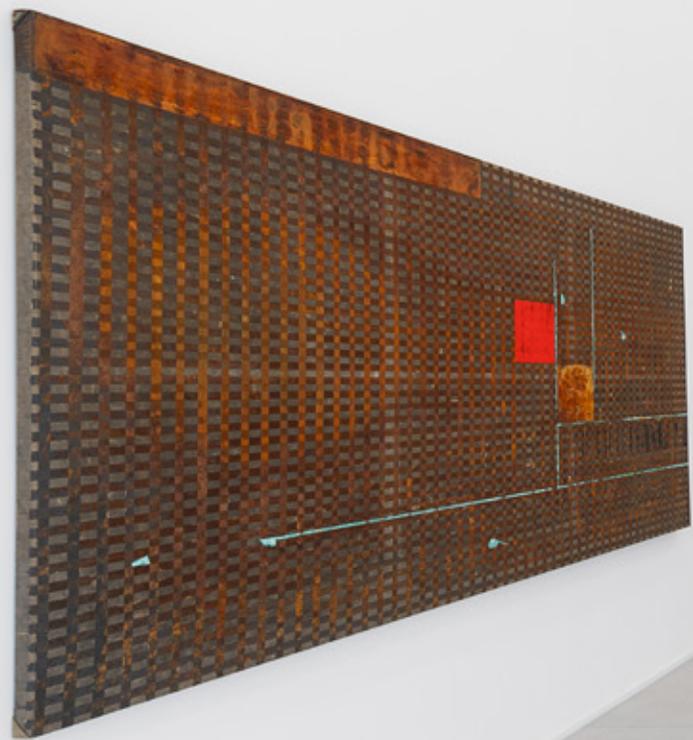
Seja nas dinâmicas entre obra e espaço expositivo, seja nos aspectos intrínsecos à arquitetura transpostas à escultura, suas obras enfatizam as relações com o espaço arquitetônico. A superfície polida e espelhada do aço inoxidável mimetiza o espaço e amalgama o observador, replicando suas imagens em seus reflexos distorcidos. Esse aspecto reforça fluxos fenomenológicos dos trabalhos, dispondo-os abertos e penetráveis espacial e visualmente, incentivando o movimento do espectador ao seu redor e a fruição em vários ângulos. Desse modo, o olho percorre o objeto e o identifica em seu próprio reflexo mutável.

As discussões espaciais movimentadas por José Bechara em suas grandes esculturas e instalações são canalizadas, nessa exposição, em suas pinturas com oxidação de emulsões metálicas, cobre e ferro, tinta acrílica e lonas usadas de caminhão. A variação de plataformas reitera a constância de uma preocupação sobre o acúmulo e o vazio, o excesso e a síntese, limítrofe às compreensões virtuais do espaço. Em suas obras, o dinamismo formal veloz colide radicalmente com um processo demorado, com etapas que guardam semelhanças com meticulosas práticas laboratoriais, ao passo que são igualmente contemplativas, existenciais.

Há, portanto, uma declaração imediata: o espaço não é estático, mas é habitado, revirado, corroído. O artista propõe arranjos entrópicos orquestrados, onde o acaso não se encontra por sorte, mas por exaustão experimental. Infiltrações e embaralhamentos em espaços puros através de composições dramáticas e inquietas questionam pressupostos acerca da espacialidade – não de modo a solucioná-la, mas a questioná-la, a negar as imposições cisalhantes que lhe foram historicamente atreladas. Desse modo, Bechara revisita cânones do abstracionismo geométrico sem a milimétrica frieza minimalista, mas em uma pulsão expansora e rompante.

De forma conciliatória, o artista emprega meticulosas práticas químicas a serviço de investigações acerca da existência, da impermanência do tempo, da inconstância do espaço, das oportunidades contemplativas em meio a turbilhões. Sensivelmente, decreta a vida ativa nos óxidos, nas reações químicas, assim como a ação do tempo e as histórias imantadas nas lonas de caminhão que utiliza como suporte discursivo.

Além das convergências metálicas, da materialidade do aço inoxidável maciço das esculturas de Prolik às oxidações metálicas das pinturas de Bechara, os trabalhos atestam expansões poéticas dos consagrados artistas que comungam um cerne gramatical. Arestas, encontros e quinas tornam-se afáveis pela inflexão poética, na afirmação de experimentações a geometrias sensíveis, humanas e vivenciáveis.



Eliane Prolik and José Bechara: Obtuse Intersections

By laying down two mathematical concepts and deploying them as poetic tools, the exhibition *Obtuse Intersections* seeks to bring together recent works by Eliane Prolik (Curitiba, 1960) and José Bechara (Rio de Janeiro, 1957), artists who manipulate geometric devices to weave narratives that are essentially human, contemplative, and questioning about their time. Their productions, therefore, intersect: not in an incisive and sharp manner, but through multiple obtuse, vast, and unrestricted paths.

On this occasion, Eliane Prolik presents metallic sculptures resulting from processes of folding, angulations, and obliquities in stainless steel tubes. Lines are constructed and metamorphose into sculptural entities that provoke the viewer and activate the space. In opposition to a Cartesian and hermetic geometry, the artist addresses experimental possibilities in sculptural practice, merging attentive rigor, sensitivity, and profound erudition.

Her works disobey a limiting orthogonality and relate to open readings of the contemporary world: while they record the twists of everyday life, the impasses and conflicts that affect forms, they also attempt an expansion with their multiple elbows breaking through modular space. In her wall sculptures, there is an advance: the works project themselves, in a passionate impulse to ignite the tranquility of architectural planes. Another sign of the artist's attention to contemporary versatility is the combat against strict frontality: her works resist an official point of view, a disciplinary temptation that prunes the gaze and restricts the multiple properties of three-dimensionality. They form and deform fractally, with various facets while none are official.

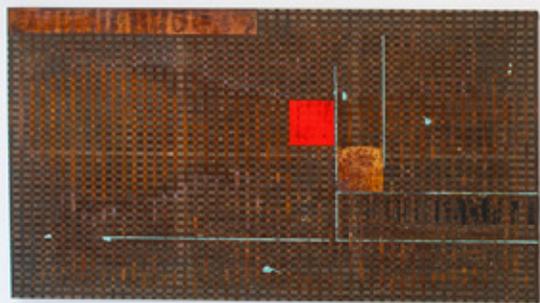
Whether in the dynamics between the work and the exhibition space, or in the intrinsic aspects of architecture transposed to sculpture, her works emphasize relationships with architectural space. The polished and mirrored surface of stainless-steel mimics space and merges with the observer, replicating their images in distorted reflections. This aspect reinforces the phenomenological flows of the works, placing them openly and penetrably spatially and visually, encouraging the viewer's movement around them and enjoyment from various angles. Thus, the eye traverses the object and identifies it in its own mutable reflection.

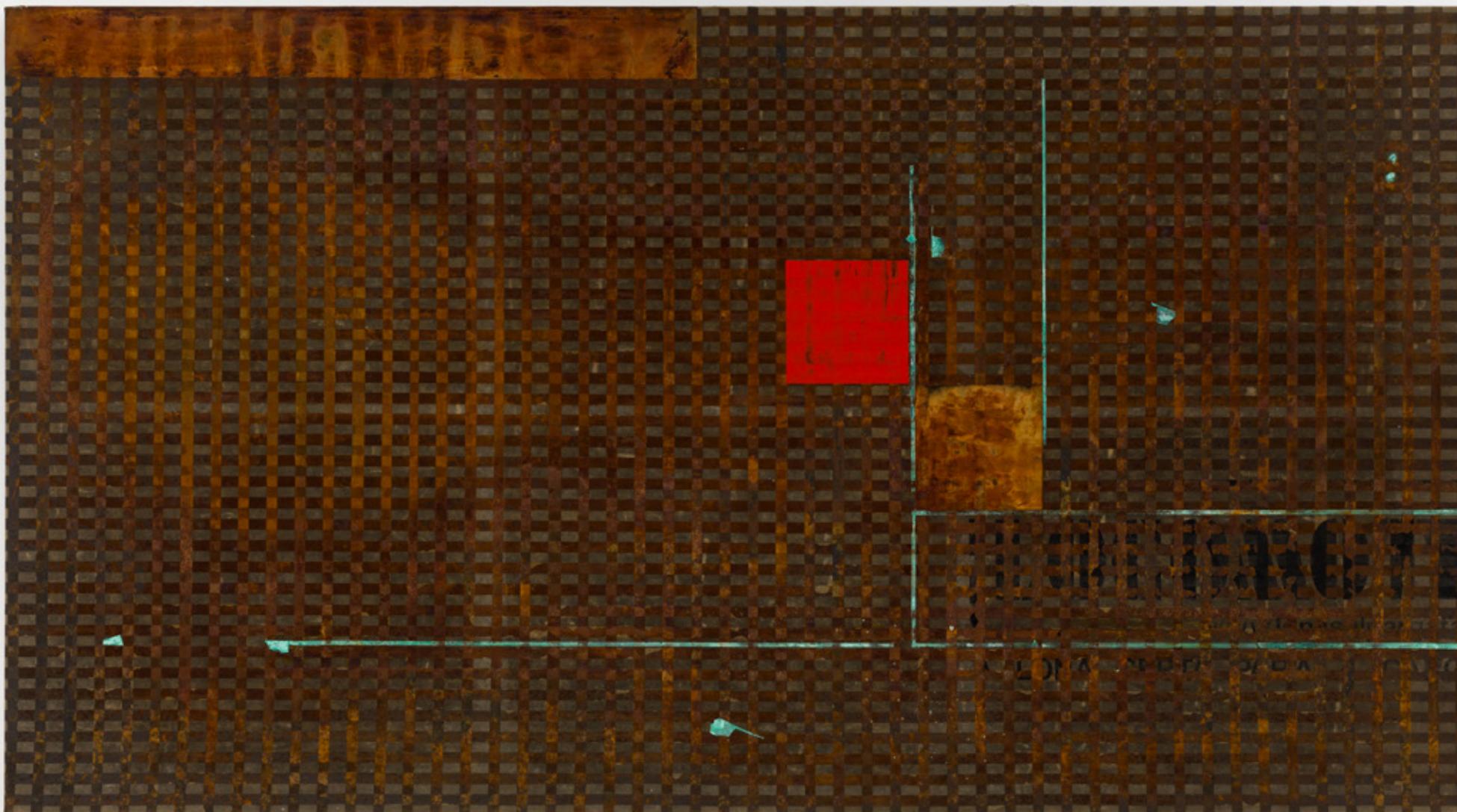
The spatial discussions prompted by José Bechara in his large sculptures and installations are channeled, in this exhibition, into his paintings with oxidation of metallic emulsions, copper and iron, acrylic paint, and used truck canvases. The variation of platforms reiterates the constancy of a concern about accumulation and emptiness, excess and synthesis, bordering on virtual understandings of space. In his works, fast-paced formal dynamism collides radically with a slow process, with stages that resemble meticulous laboratory practices, while being equally contemplative and existential.

There is, therefore, an immediate declaration: space is not static but inhabited, overturned, corroded. The artist proposes orchestrated entropic arrangements, where chance is not encountered by luck but through experimental exhaustion. Infiltrations and shufflings in pure spaces through dramatic and restless compositions question assumptions about spatiality—not to solve it, but to question it, to deny the shearing impositions historically attached to it. Thus, Bechara revisits canons of geometric abstraction without the millimetric minimalist coldness, but in an expanding and bursting impulse.

Conciliatorily, the artist employs meticulous chemical practices in the service of investigations into existence, the impermanence of time, the inconstancy of space, and contemplative opportunities amidst whirlwinds. Sensitive, he decrees active life in oxides, in chemical reactions, as well as the action of time and the stories magnetized in the truck canvases he uses as discursive support.

Beyond the metallic convergences, from the materiality of Prolik's solid stainless-steel sculptures to the metallic oxidations of Bechara's paintings, the works attest to poetic expansions of the acclaimed artists who share a grammatical core. Edges, encounters, and corners become affable through poetic inflection, affirming experiments with sensitive, human, and experiential geometries.





José Bechara

Bookmaker, 2015

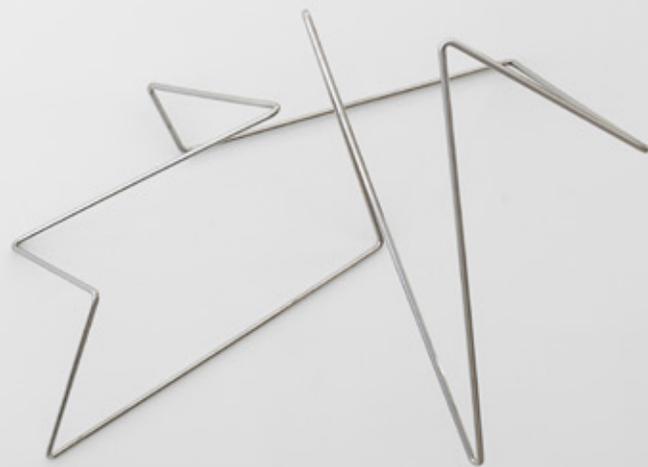
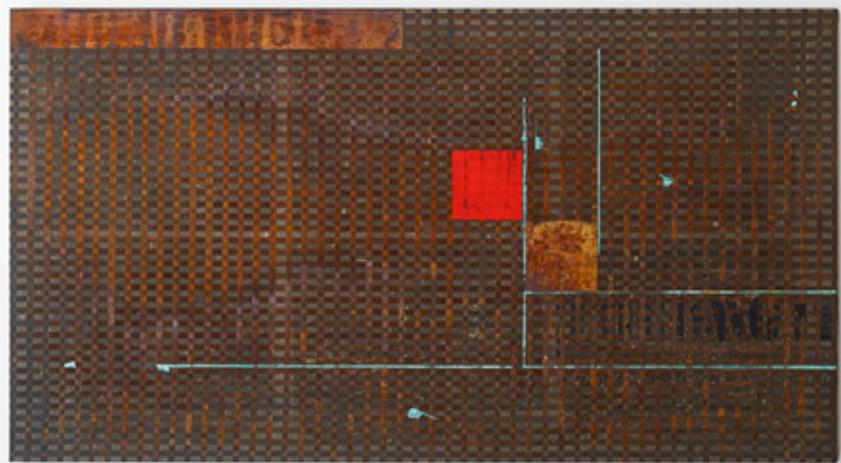
oxidação de emulsões metálicas e acrílica sobre lona usada de caminhão

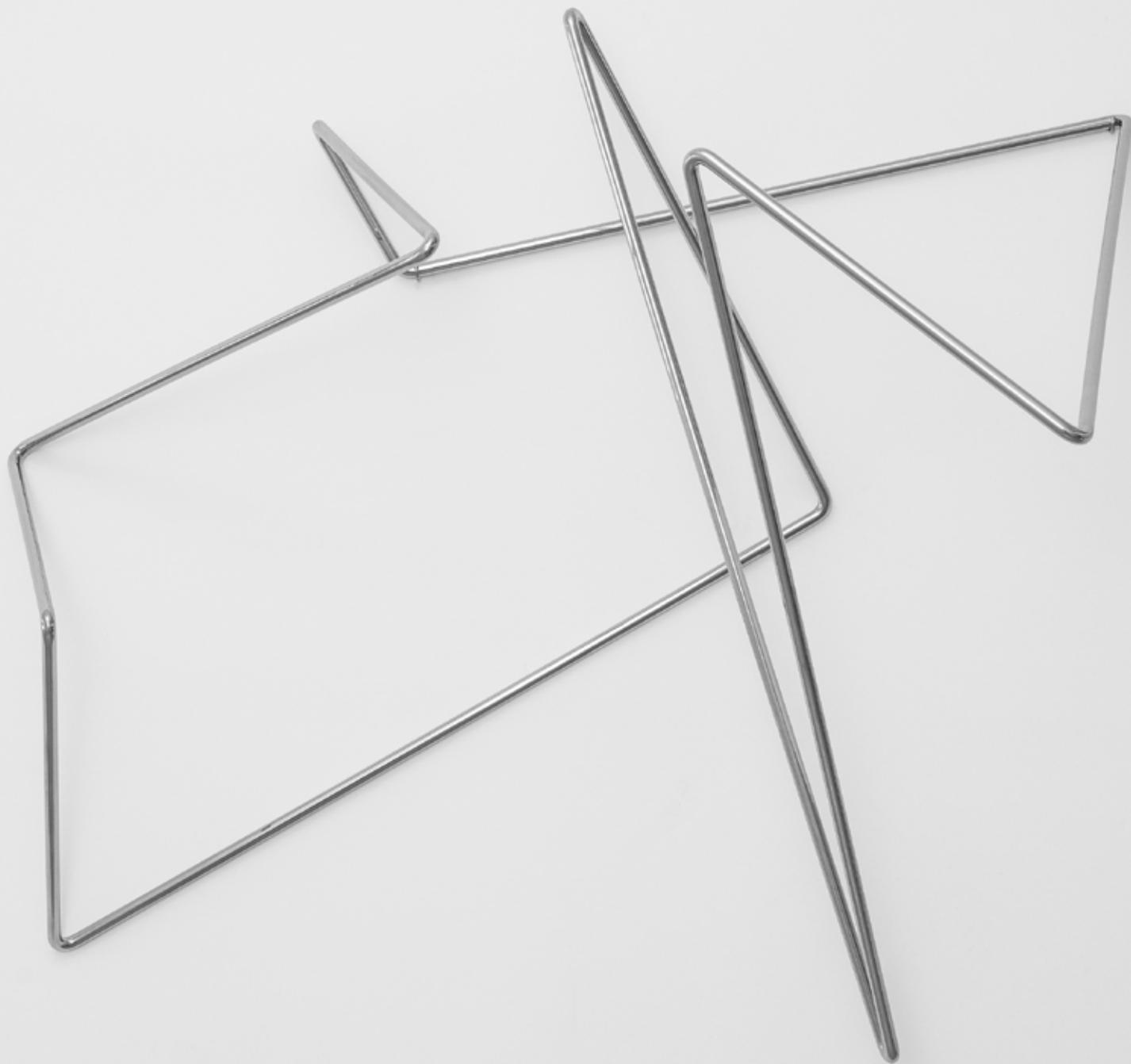
oxidation of metallic emulsions and acrylic on used truck load cover

145 x 265 x 3,8 cm

57 ³/₃₂ x 104 ²¹/₆₄ x 1 ¹/₂ in

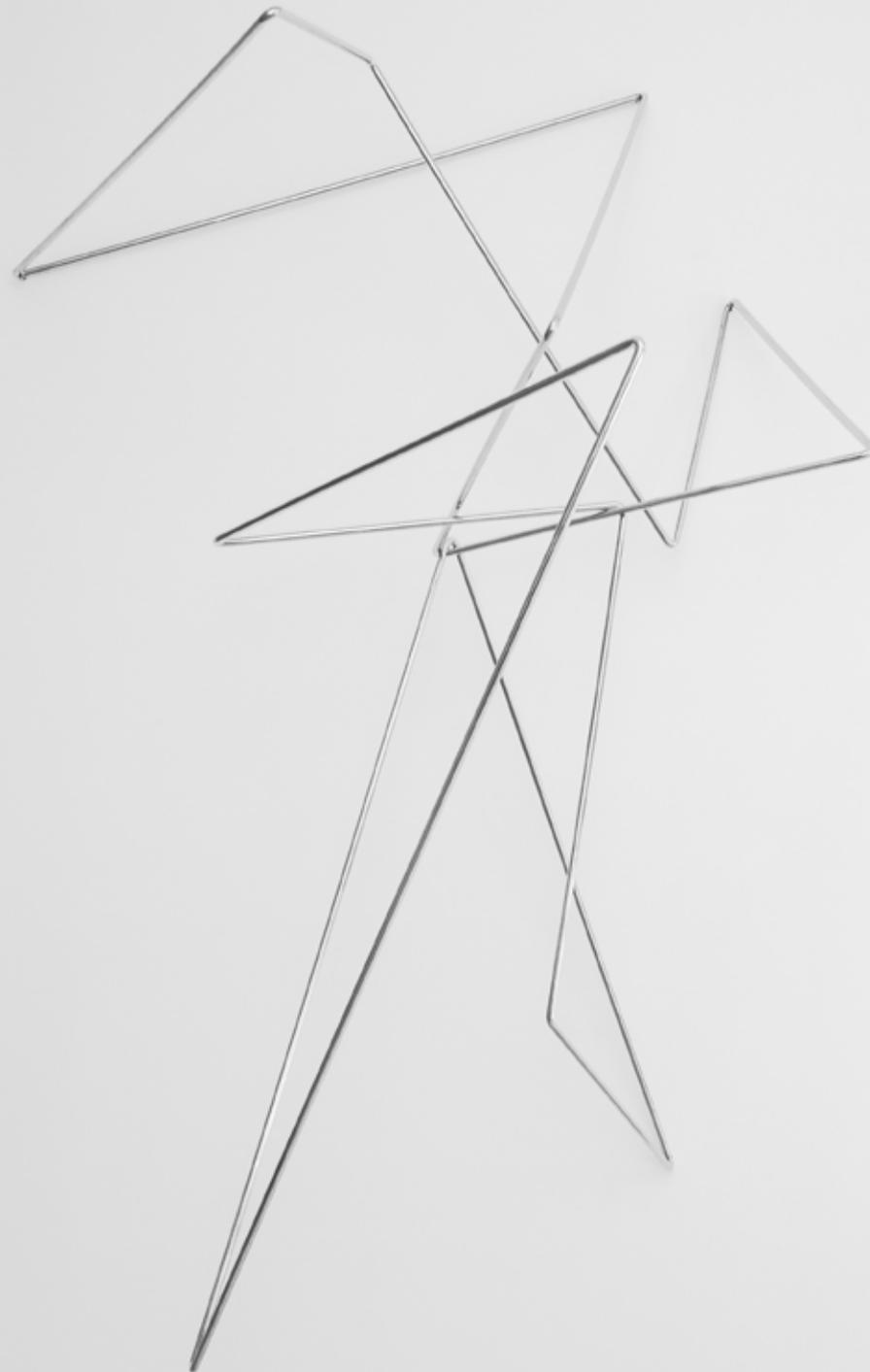






Eliane Prolik
Sem Título [Untitled], 2024
aço inox (19 mm)
stainless steel
141 x 154 x 90 cm
55 1/2 x 60 5/8 x 35 3/8 in



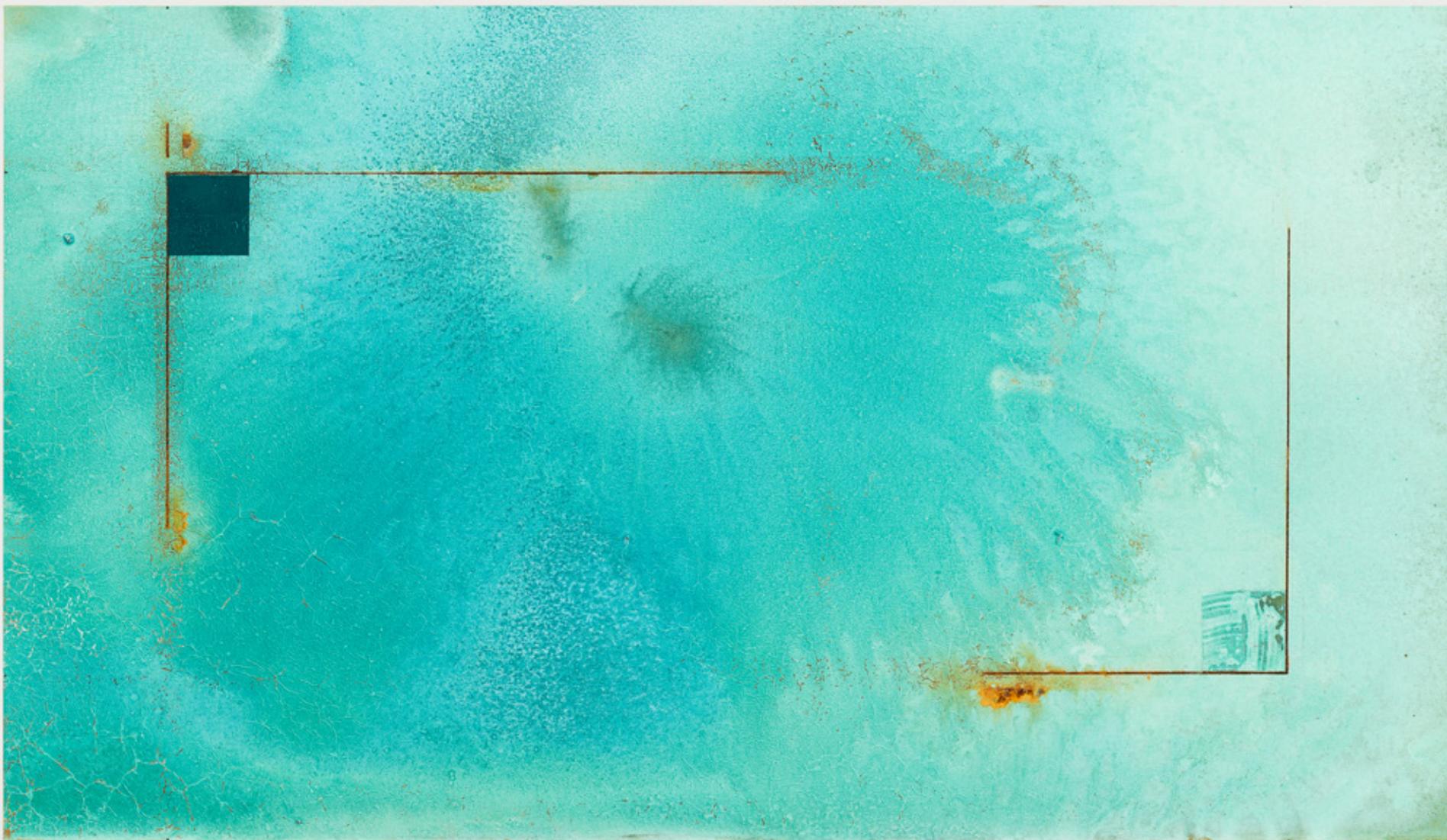


Eliane Prolik
Sem Título [Untitled], 2024
aço inox (19 mm)
stainless steel
310 x 190 x 145 cm (2 peças encaixadas)
122 x 74 ³/₄ x 57 ¹/₈ in (2 pieces assembled)



Eliane Prolik
Sem Título [Untitled], 2023
Sem Título [Untitled], 2023
aço inox (19 mm)
stainless steel
90 x 234 x 128 cm | 87 x 170 x 115 cm
35 ³/₈ x 92 ¹/₈ x 50 ³/₈ in | 34 ¹/₄ x 66 ⁷/₈ x 45 ¹/₄ in





José Bechara

Sem Título [Untitled], 2024

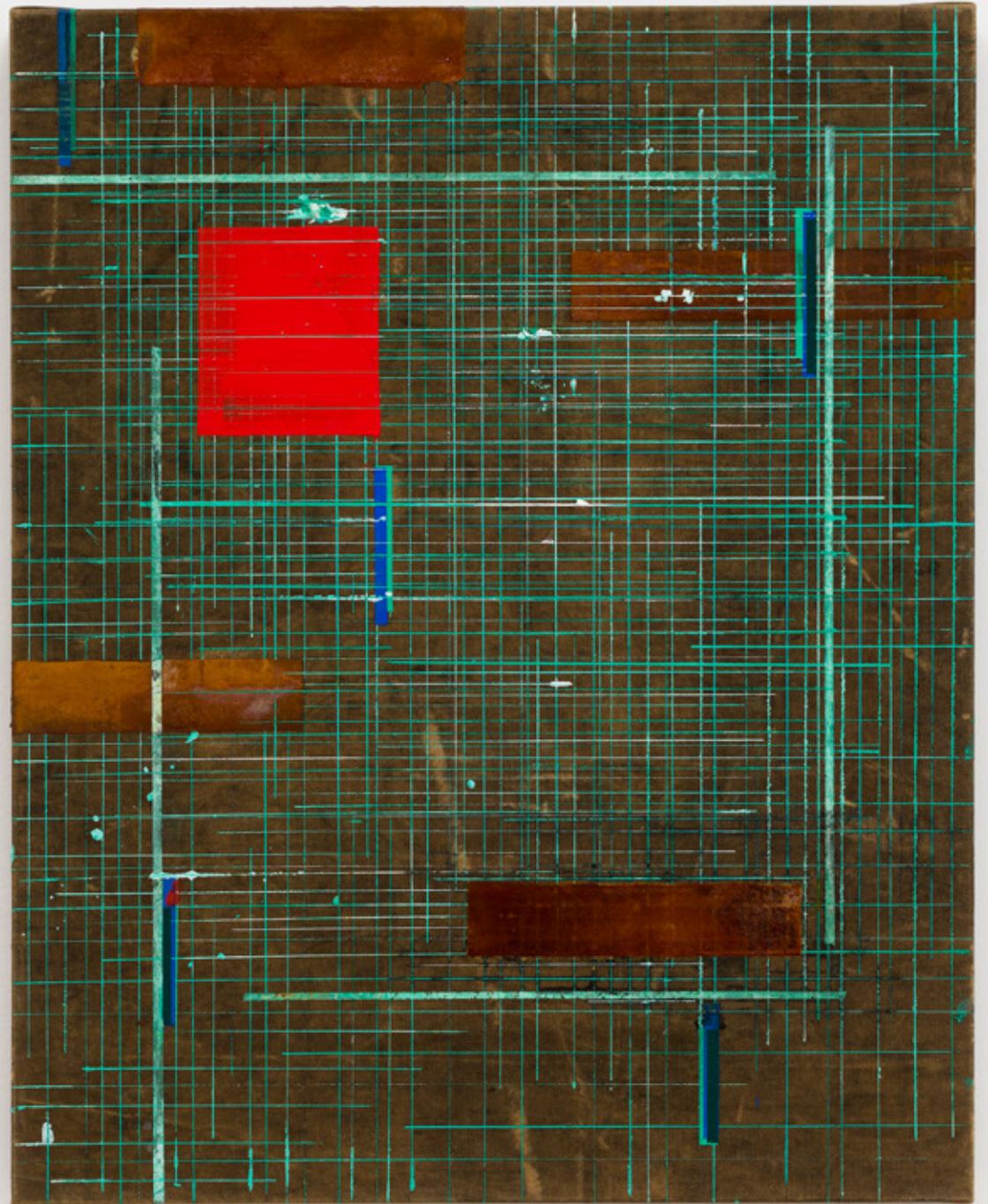
acrílica, oxidação de cobre e ferro sobre lona usada de caminhão

acrylic, oxidation of steel and copper on used truck load cover

100 x 175 cm

39 ²/₆₄ x 68 ⁵⁷/₆₄ in





José Bechara

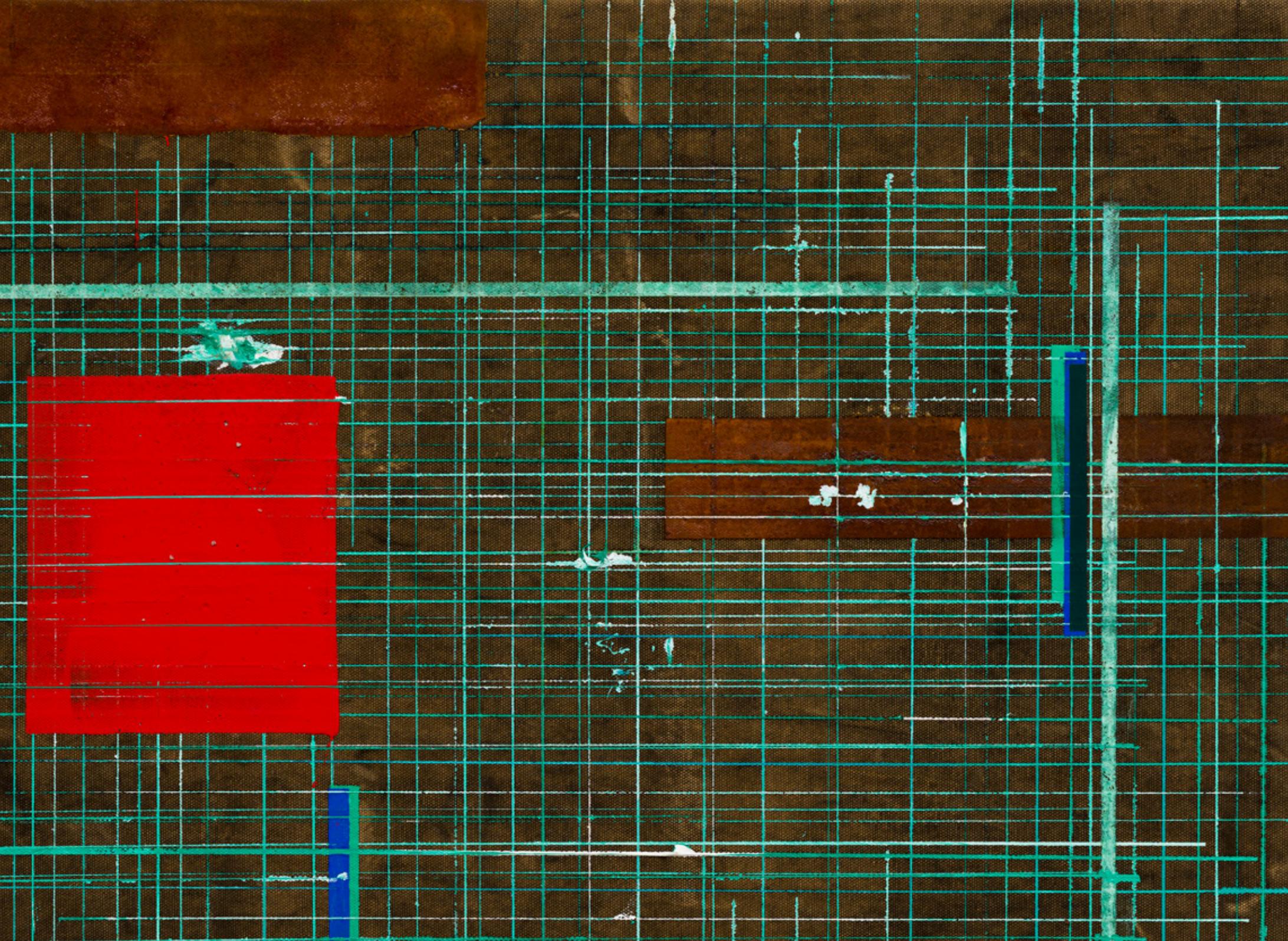
Sem Título [Untitled], 2022

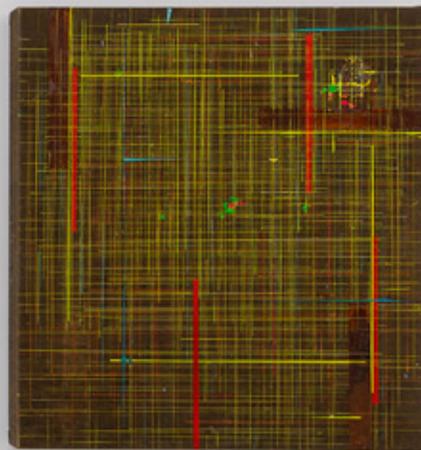
oxidação de emulsões metálicas e
acrílica sobre lona usada de caminhão

oxidation of metallic emulsions and
acrylic on used truck load cover

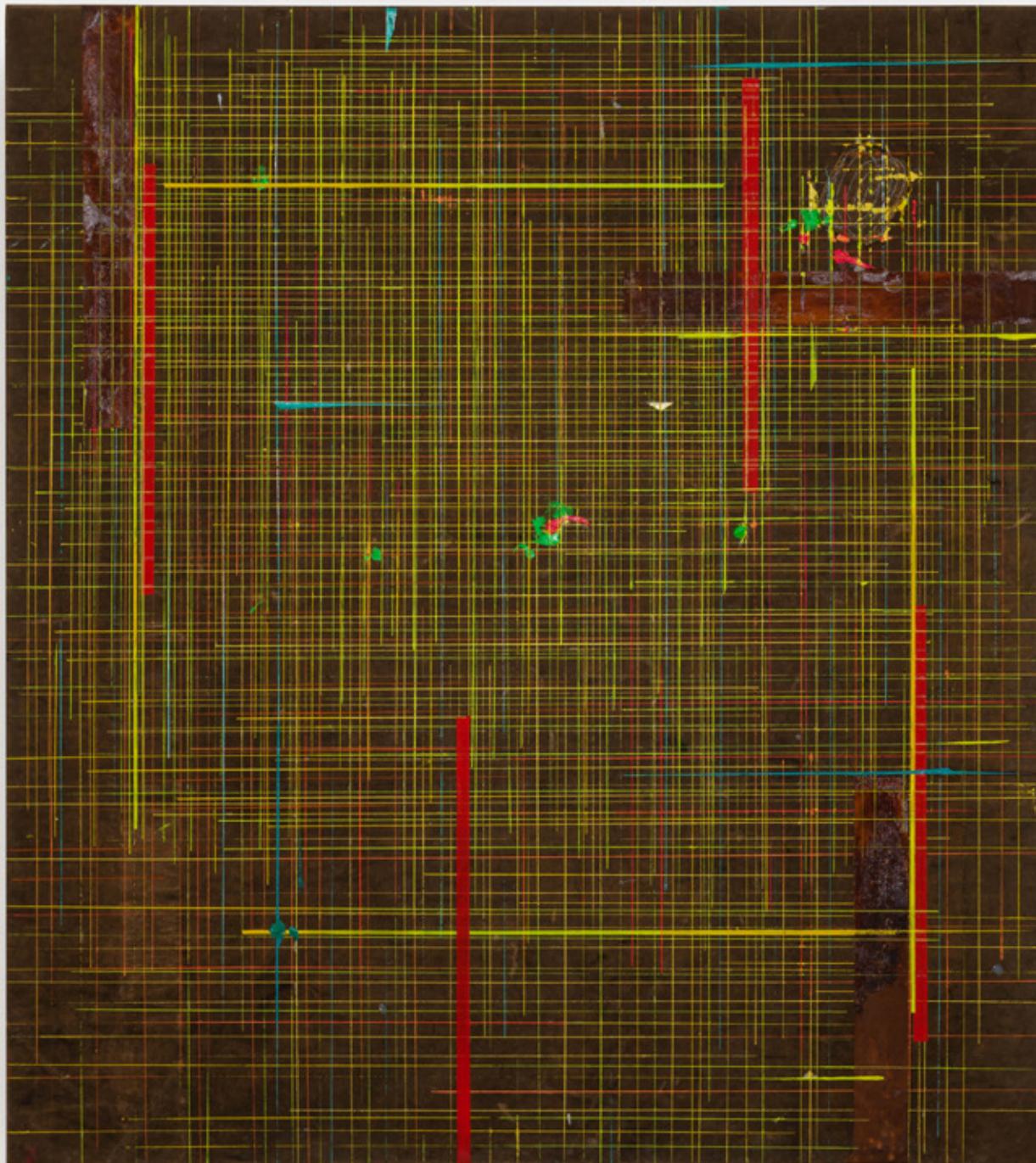
80 x 65 cm

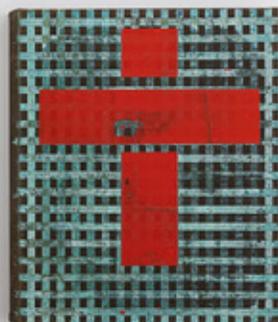
31 ½ x 25 ¾ in



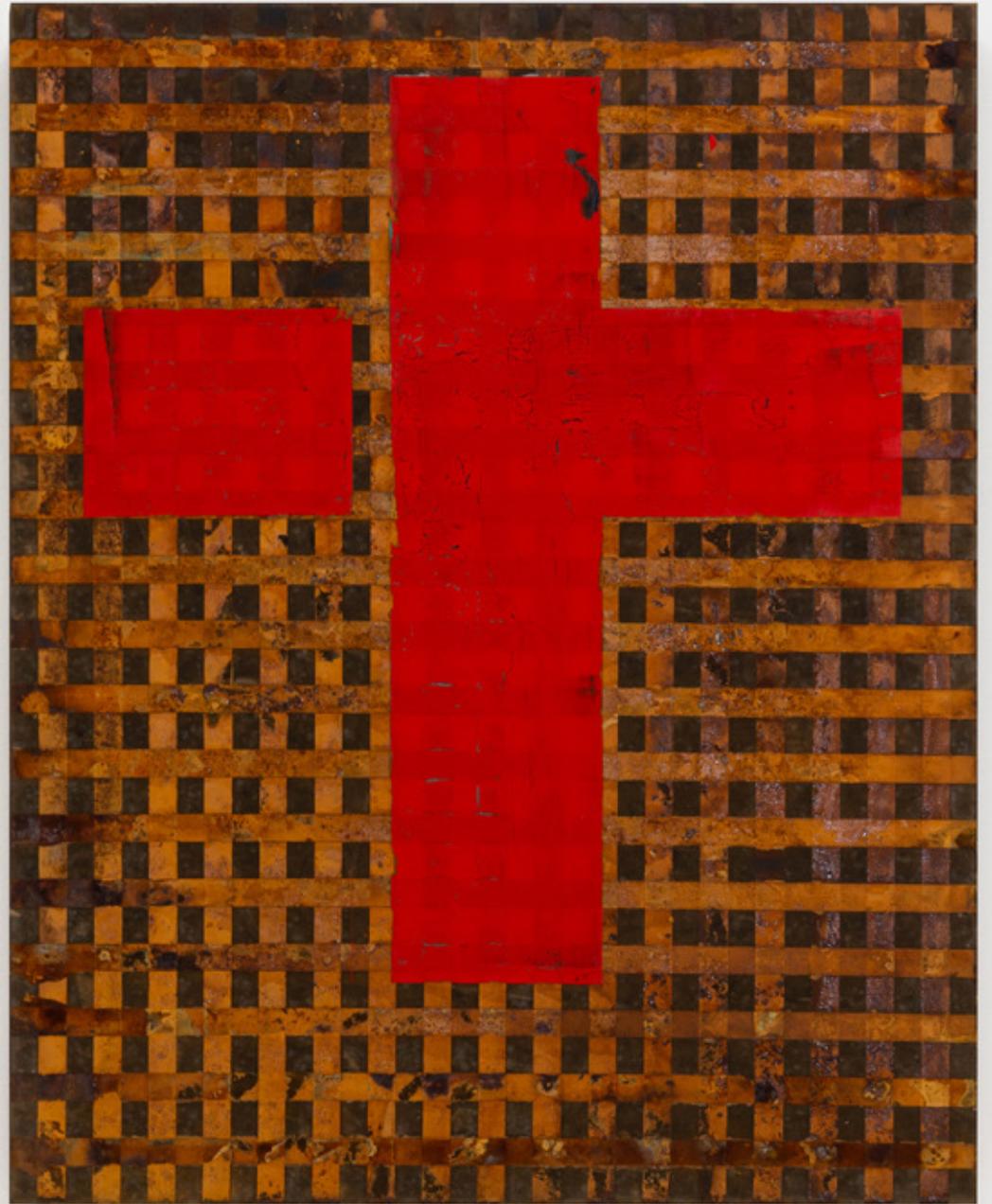


José Bechara
Sem Título [Untitled], 2022
oxidação de emulsões metálicas e
acrílica sobre lona usada de caminhão
oxidation of metallic emulsions and
acrylic on used truck load cover
104 x 94 cm
40 ⁶/₆₄ x 37 ¹/₆₄ in

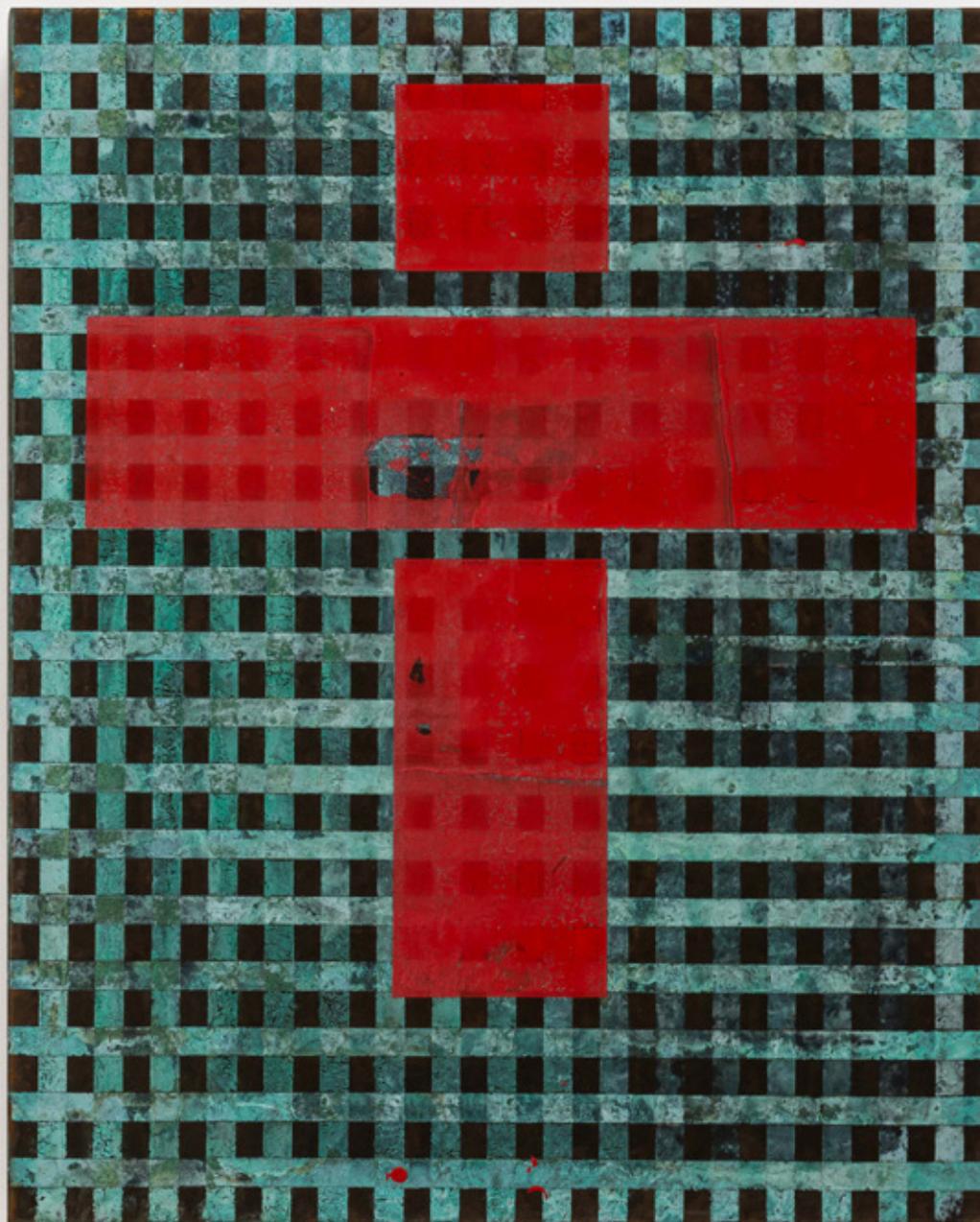




José Bechara
Sem Título [Untitled], 2021
oxidação de emulsões metálicas e
acrílica sobre lona usada de caminhão
oxidation of metallic emulsions and
acrylic on used truck load cover
80 x 65 cm
31 ½ x 25 ¾ in



José Bechara
Sem Título [Untitled], 2021
oxidação de emulsões metálicas e
acrílica sobre lona usada de caminhão
oxidation of metallic emulsions and
acrylic on used truck load cover
80 x 65 cm
31 ½ x 25 ⅝ in







Eliane Prolik
Sem Título [Untitled], 2024
aço inox (19 mm)
stainless steel
112 x 94 x 84 cm
44 1/8 x 37 x 33 1/8 in



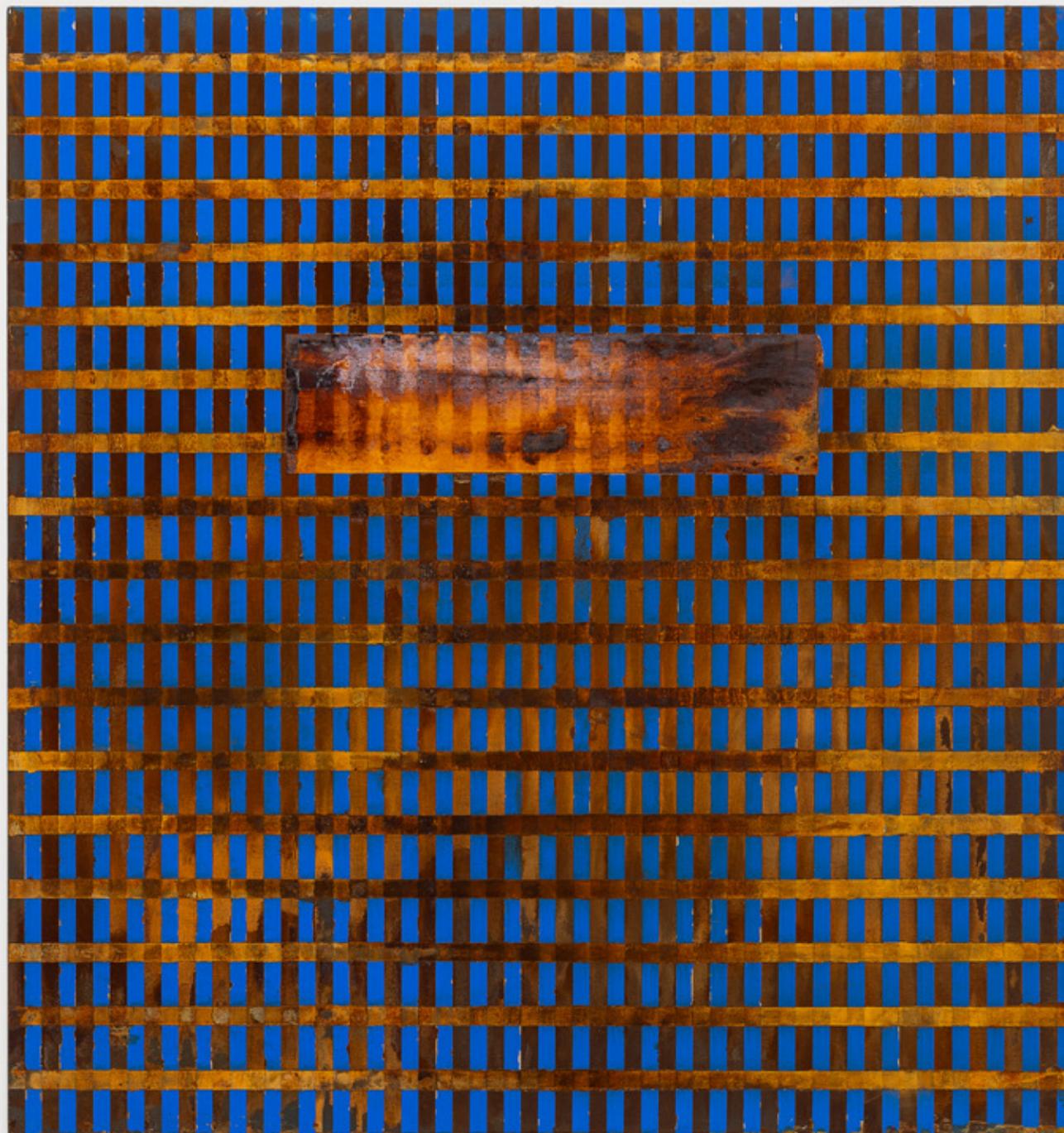


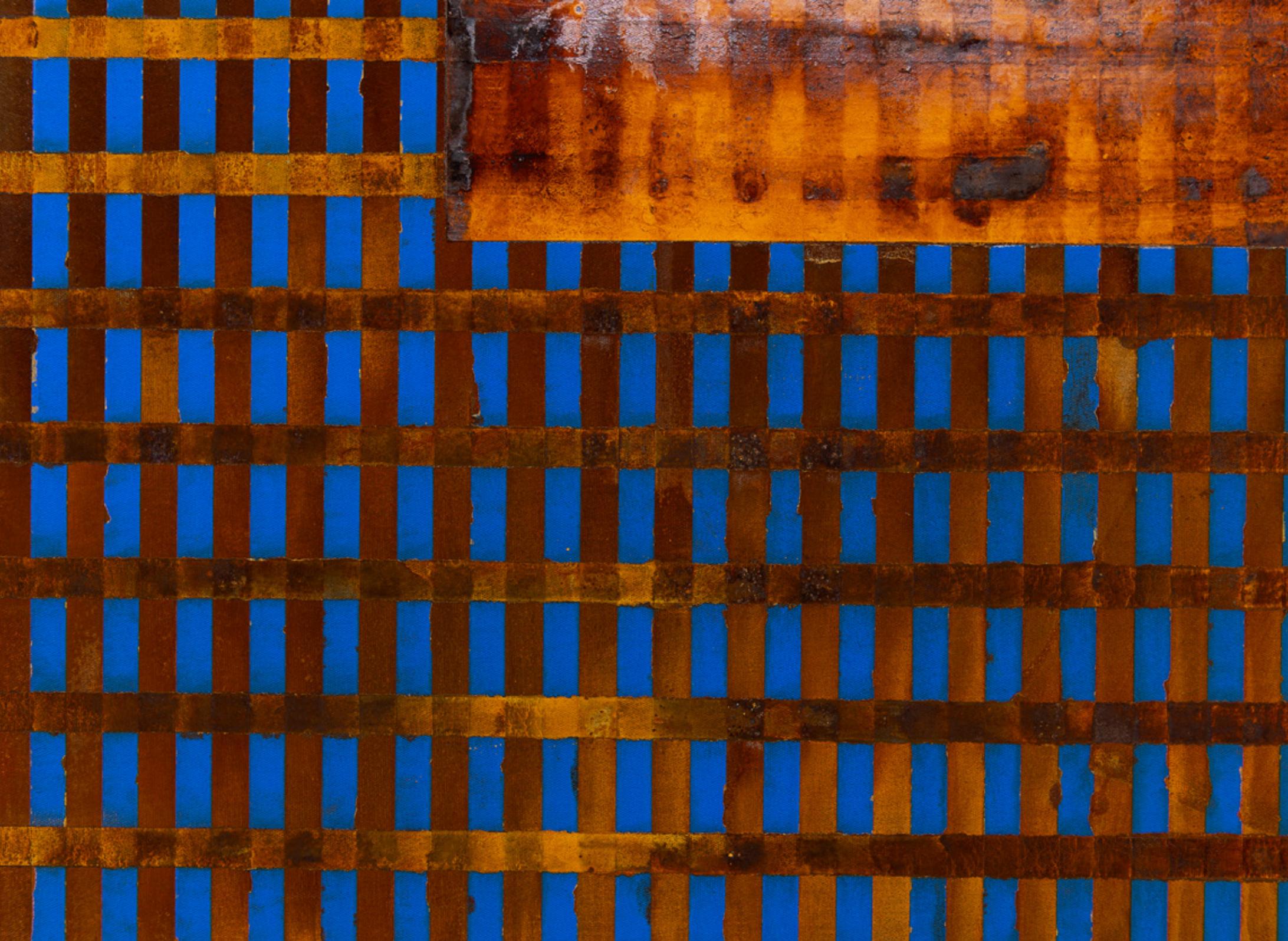


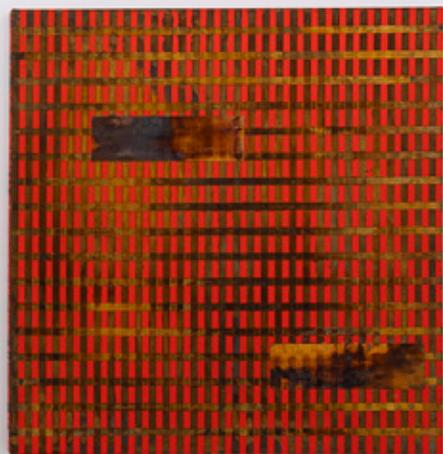
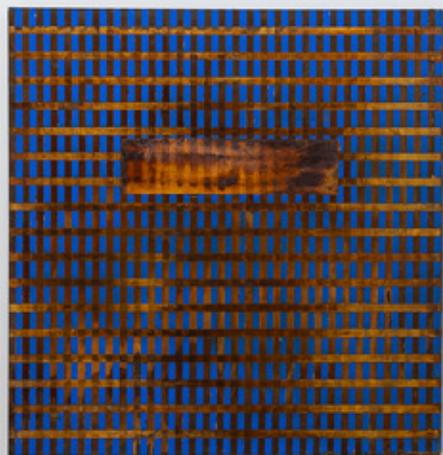
Eliane Prolik
Sem Título [Untitled], 2023
aço inox (19 mm)
stainless steel
68 x 113 x 107 cm
26 ³/₄ x 44 ¹/₂ x 42 ¹/₈ in



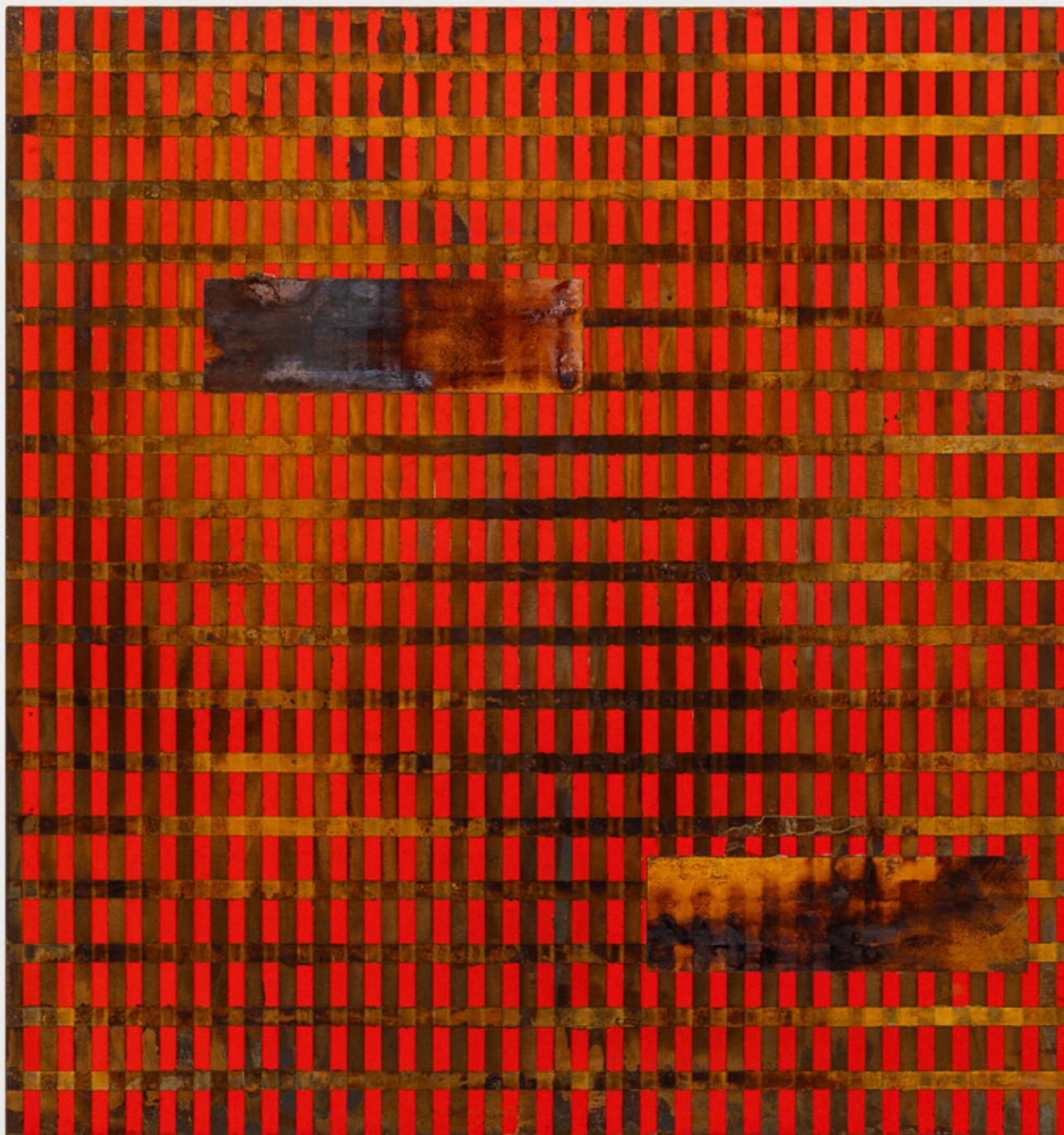
José Bechara
Sem Título [Untitled], 2024
acrílica, oxidação de cobre e ferro
sobre lona usada de caminhão
acrylic, oxidation of steel and copper
on used truck load cover
120 x 115 cm
47 ¹/₆₄ x 45 ¹/₆₄ in







José Bechara
Sem Título [Untitled], 2024
crítica, oxidação de cobre e ferro
sobre lona usada de caminhão
acrylic, oxidation of steel and copper
on used truck load cover
120 x 115 cm
47 ¹/₆₄ x 45 ¹/₆₄ in







Eliane Prolik
Sem Título [Untitled], 2023
aço inox (19 mm)
stainless steel
90 x 159 x 123 cm
35 ²⁸/₆₄ x 62 ³⁸/₆₄ x 48 ²⁷/₆₄ in







Eliane Prolik

Eliane Prolik (Curitiba, 1960). Graduada em pintura e especializada em História da Arte do Século XX pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Estudou na Itália com o artista Luciano Fabro na Accademia Belle Arti di Brera em Milão, e posteriormente dirigiu o Museu Alfredo Andersen em Curitiba. Produz ativamente desde o final dos anos 1980 com linguagens variadas como esculturas, objetos e instalações.

A artista realizou esculturas com base na geometria com planos que se desdobram no espaço. Segundo o crítico Paulo Herkenhoff, as esculturas de Prolik associam-se à produção de Lygia Clark e às esculturas de ferro de Amilcar de Castro. Paralelamente a essas esculturas de filiação neoconcreta, realiza obras que se abrem a outras percepções, explorando o vazio, as reflexões de imagens e as formas de objetos cotidianos. Cria peças de cobre, que podem ter a forma de vaso, contidas uma dentro da outra, ou pêndulos, congelados em seu movimento, ou ainda objetos que fazem alusão a formas geométricas, como cones. Emprega formas curvas, volumes ocos, aparentemente flexíveis e sem peso, que estão em permanente tensão ou em delicado equilíbrio.

Nos anos 1990, seus trabalhos resgatam formas de objetos cotidianos, que assumem novos caracteres, apropriando-se dessas formas para repotencializá-las. Nas peças de cobre, explora a superfície, que mantém os gestos da moldagem, já nos trabalhos com metal, que é repuxado, há uma sugestão de vibração.

Entre as exposições individuais destacam-se: "Aqui Semáforo" (2018), Projeto Infiltrações, Solar do Barão em Curitiba; "Pra Que" (2017), Pinacoteca de São Paulo; "Mudanças" (2016), Centro Cultural Sistema FIEP; "Matéria do Mundo" (2014), Museu Oscar Niemeyer (2014); "Atravessamento" (2012), Museu Municipal de Arte de Curitiba; "Tuiuiu" (2004), Projeto Octógono, Pinacoteca de São Paulo e "Capulus" (2003), Centro Universitário Maria Antonia - USP, São Paulo. Entre exposições coletivas destacam-se Bienal de Curitiba (2015/2017); "Sinalítica" (2017), MusA - UFPR; "A Cor do Brasil" (2016), MAR-RJ; "Arr" (2015), Espaço Cultural BRDE Curitiba; "PR/ BR" (2013); "O Espaço Aberto" (2011), Caixa Cultural Brasília; "O Estado da Arte" (2010), Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; 19ª e 25ª Bienal Internacional de São Paulo (1987 e 2002); "I Bienal do Mercosul" (1997), Porto Alegre; "24º Panorama da Arte Brasileira" (1995), MAM-SP e "24º Panorama de Arte Brasileira" (1995), MAM/RJ, "Bienal Brasil Século XX" (1994) no FBSP e "22º Panorama de Arte Atual Brasileira" (1991) no MAM/SP.

Tem trabalhos em importantes coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e do Paraná.

Eliane Prolik (Curitiba, 1960). Graduated in painting and specialized in Art History of the 20th Century by the School of Music and Fine Arts of Paraná (EMBAP). She studied in Italy with artist Luciano Fabro at the Accademia Belle Arti di Brera in Milan, and later directed the Alfredo Andersen Museum in Curitiba. She has been actively producing since the late 1980s with varied languages such as sculptures, objects, and installations.

The artist has made sculptures based on geometry with planes that unfold in space. According to critic Paulo Herkenhoff, Prolik's sculptures are associated with the production of Lygia Clark and the iron sculptures of Amilcar de Castro. Parallel to these sculptures of neoconcrete affiliation, he creates works that are open to other perceptions, exploring emptiness, reflections of images, and the forms of everyday objects. He creates copper pieces, which can have the shape of a vase, contained one inside the other, or pendulums, frozen in their movement, or even objects that allude to geometric shapes, such as cones. He employs curved forms, hollow volumes, apparently flexible and weightless, that are in permanent tension or delicate balance.

In the 1990s, her works rescue forms from everyday objects, which take on new characters, appropriating these forms to repower them. In the copper pieces, she explores the surface, which maintains the gestures of molding, while in the works with metal, which is pulled, there is a suggestion of vibration.

Among the solo exhibitions are: "Aqui Semáforo" (2018), Projeto Infiltrações, Solar do Barão em Curitiba; "Pra Que" (2017), Pinacoteca de São Paulo; "Mudanças" (2016), Centro Cultural Sistema FIEP; "Matéria do Mundo" (2014), Museu Oscar Niemeyer (2014); "Atravessamento" (2012), Museu Municipal de Arte de Curitiba; "Tuiuiu" (2004), Projeto Octógono, Pinacoteca de São Paulo and "Capulus" (2003), Centro Universitário Maria Antonia - USP, São Paulo. Among group exhibitions, the following stand out: Bienal de Curitiba (2015/2017); "Sinalítica" (2017), MusA - UFPR; "A Cor do Brasil" (2016), MAR-RJ; "Arr" (2015), Espaço Cultural BRDE Curitiba; "PR/ BR" (2013); "O Espaço Aberto" (2011), Caixa Cultural Brasília; "O Estado da Arte" (2010), Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; 19ª and 25ª Bienal Internacional de São Paulo (1987 and 2002); "I Bienal do Mercosul" (1997), Porto Alegre; "24º Panorama da Arte Brasileira" (1995), MAM-SP and "24º Panorama de Arte Brasileira" (1995), MAM/RJ; "Bienal Brasil Século XX" (1994), FBSP and "22º Panorama de Arte Atual Brasileira" (1991), MAM/SP.

She has works in important collections such as: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo and Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo and Paraná.



José Bechara

José Bechara (Rio de Janeiro, 1957) estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) e formou-se como pintor em 1991, quando iniciou sua atividade artística em um ateliê coletivo na Lapa junto a outros artistas, como Raul Mourão, Ângelo Venosa e Daniel Senise. Em 1992, realizou sua primeira exposição individual. Foi nesse período que passou a intervir sobre lonas de caminhão usadas, incorporando processos de oxidação como linguagem do trabalho. Ali se definiria um campo pictórico novo e bastante fértil. A novidade não diz respeito aos materiais, mas ao modo como se apropria deles e mobiliza funções pictóricas singulares. A atenção aos elementos materiais do mundo, a experiência do tempo e suas formas de inscrição na superfície das coisas, constituíram um modo de operação poética que teve a apropriação como método e a precisão como régua.

Investigando esse processo de oxidação, realiza em suas pinturas um procedimento de mutação, girando em torno da diferença entre o concreto e o abstrato. Bechara não esconde seus procedimentos, mas sim opera de maneira a torná-los evidentes, incorporando as costuras e elementos de transporte que as lonas acumularam em sua vida útil. No final dos anos 1990, porém, deslocou sua pesquisa para incluir também investigações escultóricas. Se o trabalho com as lonas foi marcante para seu primeiro momento autoral, a experimentação com a Casa, iniciada na residência artística de Faxinal do Céu, no começo dos anos 2000, disparou uma nova produção, marcada por um uso mais radical do campo dilatado da pintura, atuando diretamente no espaço.

A partir de 2007, iniciou seus trabalhos com vidro, dando continuidade a uma trajetória coesa do que já havia produzido na pintura e na escultura. O material – frágil, transparente e de difícil manuseio – permitiu que o artista construísse uma relação simbiótica com o espaço, assimilando-o, mesclando interior e exterior em uma penetração pictórica. O ruído contido, que nas lonas vinha da densidade acumulada pelo desgaste do material, é introduzido pela soma de elementos heterogêneos que se combinam pelo conflito e não pela fusão harmoniosa. Tudo se agrega em torno do vidro, que é o catalisador plástico da instalação.

Ao longo de sua trajetória de mais três décadas participou de importantes mostras coletivas, como: Bienal Internacional de Jinan - SYMBIOTIC WORLD, Shandong Art Museum, Jinan, China; 25ª Bienal Internacional de São Paulo; 29ª Panorama da Arte Brasileira; 5ª Bienal Internacional do MERCOSUL; e "Os 90", no Paço Imperial, Rio de Janeiro. Realizou exposições individuais e coletivas em instituições como MAM Rio, Brasil; Ludwig Museum, Alemanha; Instituto Figueiredo Ferraz, Brasil; Fundação Iberê Camargo, Brasil; Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal; MAC Paraná, Brasil; MAM Bahia, Brasil; MAC Niterói, Brasil; Instituto Tomie Ohtake, Brasil; Haus der Kulturen der Welt, Alemanha; MuBE, Brasil; Gropius Bau, Alemanha; Musee Bozar, Bélgica; e Museu Oscar Niemeyer, Brasil. Possui obras integrando coleções públicas e privadas, como no MAM Rio, Brasil; Centre Pompidou, França; Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Brasil; Instituto Itaú Cultural, Brasil; MAM Bahia, Brasil; Ludwig Museum, Alemanha; Museum of Latin American Art, Estados Unidos e Brasileira Stiftung, Suíça.

José Bechara (Rio de Janeiro, 1957) studied at the Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) and graduated as a painter in 1991, when he began his artistic activity in a collective studio in the neighborhood of Lapa, along with other artists, such as Raul Mourão, Angelo Venosa and Daniel Senise. In 1992, he held his first solo exhibition. It was during this period that he began to intervene on used truck tarps, incorporating oxidation processes as the language of his work. There, a new and fertile pictorial field would be defined. The novelty did not concern the materials, but the way in which he appropriated them and mobilized singular pictorial functions. The attention to the material elements of the world, the experience of time and its forms of inscription on the surface of things, constituted a mode of poetic operation that had appropriation as a method and precision as a ruler.

Investigating this oxidation process, he performed mutation procedures in his paintings, revolving around the difference between the concrete and the abstract. Bechara does not hide his procedures, but rather works in such a way to make them evident, incorporating the seams and transport elements that the tarps accumulate over their lifetime. In the late 1990s, however, he shifted his research to include sculptural investigations as well. If the work with the tarps was remarkable for his first authorial moment, the experimentation with "a Casa" (The House), initiated in the artistic residency of "Faxinal do Céu", in the early 2000s, triggered a new production, marked by a more radical use of the expanded field of painting, acting directly in space.

Since 2007, he began his work with glass, continuing a cohesive trajectory of what he had already produced in painting and sculpture. The material – fragile, transparent and difficult to handle – allowed the artist to build a symbiotic relationship with space, assimilating it, mixing interior and exterior in a pictorial penetration. The contained noise, which in the tarps came from the density accumulated by the wear of the material, is introduced by the sum of heterogeneous elements that combine through conflict and not through harmonious fusion. Everything aggregates around the glass, which is the installation's plastic catalyst.

Throughout his trajectory of more than three decades, Bechara participated in important group shows, such as: Bienal Internacional de Jinan - SYMBIOTIC WORLD, Shandong Art Museum, Jinan, China; 25th São Paulo Biennial; 29ª Panorama da Arte Brasileira; 5th MERCOSUL Biennial; and "Os 90", at Paço Imperial, Rio de Janeiro. He has held individual and group exhibitions in institutions such as MAM Rio, Brazil; Ludwig Museum, Germany; Instituto Figueiredo Ferraz, Brazil; Fundação Iberê Camargo, Brazil; Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal; MAC Paraná, Brazil; MAM Bahia, Brazil; MAC Niterói, Brazil; Instituto Tomie Ohtake, Brazil; Haus der Kulturen der Welt, Germany; MuBE, Brazil; Gropius Bau, Germany; Musee Bozar, Belgium; and Museu Oscar Niemeyer, Brazil. His works integrates public and private collections, such as MAM Rio, Brazil; Centre Pompidou, France; Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil; Museu Oscar Niemeyer, Brazil; Instituto Itaú Cultural, Brazil; MAM Bahia, Brazil; Ludwig Museum, Germany; Museum of Latin American Art, United States and Brasileira Stiftung, Switzerland.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

al. lorena, 2050 A
01424-006 sp brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

al. carlos de carvalho, 2173 A
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676